



**MINISTÉRIO DO TURISMO**

**CARACTERIZAÇÃO E DIMENSIONAMENTO DO  
TURISMO DOMÉSTICO NO BRASIL  
2002 e 2006**

**RELATÓRIO EXECUTIVO SINTÉTICO**

**SÃO PAULO  
Março/2007**

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>PRINCIPAIS RESULTADOS SELECIONADOS</b>	<b>3</b>
<b>1. REALIZAÇÃO DE VIAGENS DOMÉSTICAS</b>	<b>3</b>
<b>2. MEIO DE TRANSPORTE</b>	<b>8</b>
<b>3. TIPO DE HOSPEDAGEM</b>	<b>10</b>
<b>4. GASTO E PERMANÊNCIA</b>	<b>12</b>
<b>5. ORIGENS E DESTINOS DOS FLUXOS DAS VIAGENS DOMÉSTICAS</b>	<b>18</b>
<b>6. INFERÊNCIAS SOBRE A DIMENSÃO DO TURISMO DOMÉSTICO</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

As pesquisas de “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil” de 2002 e 2006, tiveram como procedimento amostral de campo a forma estratificada em etapas, ou seja, exigem a expansão dos resultados para que a amostra pesquisada passe a representar a realidade do universo a que se refere. Ambas as pesquisas foram realizadas em domicílios urbanos e permanentes em 112 municípios de todas as Unidades da Federação do Brasil, com cotas amostrais estratificadas por classes de renda – três classes em 2002 e quatro classes em 2006 –, garantindo desta forma uma adequada abrangência regional e por estratos de renda.

As informações e dados destas pesquisas referem-se, respectivamente, ao ano de 2005, para a pesquisa realizada em 2006 e ao ano de 2001, para a pesquisa realizada em 2002. Assim, são estes os anos referidos nas análises apresentadas no interior deste Relatório.

Para 2006, foram realizados ajustes na metodologia e dados da pesquisa, com vistas a torná-la compatível com os aperfeiçoamentos introduzidos, permitindo a comparação adequada entre os resultados da pesquisa de 2002 e de 2006.

Nesta última pesquisa, deu-se enfoque no público potencialmente consumidor do turismo, ou seja, com renda familiar superior a um salário mínimo. Desta forma, para se manter a comparabilidade entre as pesquisas de 2002 e 2006 é necessária a exclusão dos dados da pesquisa de 2002 referentes às famílias com rendimento inferior a um salário mínimo.

Ainda com o intuito de permitir a comparabilidade dos resultados da pesquisa de 2002 com os de 2006, alguns ajustes se procederam na base de dados de 2002. Para isto foram removidos do banco de dados de 2002 todos os domicílios onde se verificou inconsistências na declaração de realização de uma viagem doméstica sem uma respectiva descrição dos dados desta viagem, como meio de transporte, meio de hospedagem, destino e permanência. Ou seja, os casos onde não existia a descrição da efetiva realização de uma viagem foram removidos do banco de dados, tornando o mesmo compatível com o de 2006, onde todas as declarações de

realização de viagens domésticas são seguidas de sua descrição, permitindo assim o uso do dado para a obtenção de informações da principal viagem doméstica. Foi notória a ocorrência de problemas na pesquisa de campo do estudo de 2003, sobretudo nas regiões Nordeste e Norte.

Realizados estes ajustes, fica definido como o universo amostral de referência das pesquisas todos os domicílios urbanos e permanentes com renda familiar igual ou superior a 1 salário mínimo. A definição de um universo comum a ser tomado como base para as pesquisas de 2006 e para os resultados revisados da pesquisa de 2002 visa a compatibilização dos bancos de dados e seus fatores de expansão.

O procedimento de expansão se dá com base nos dados do número de domicílios urbanos e permanentes com renda familiar de um ou mais salários mínimos da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) do IBGE. A expansão é feita por classe de renda e por mesorregião do domicílio amostrado. Já a participação de cada mesorregião dentro de sua Unidade da Federação é definida pelos dados do Censo 2000 do IBGE.

## PRINCIPAIS RESULTADOS SELECIONADOS

### 1. REALIZAÇÃO DE VIAGENS DOMÉSTICAS

Um dos principais indicadores que pode ser extraído das pesquisas é a estimativa da proporção dos domicílios nos quais pelo menos um dos seus membros realizou viagens domésticas – viagens não rotineiras dentro do território nacional, com no mínimo um pernoite. Os resultados obtidos para os anos de 2001 e 2005 são apresentados na Tabela 1 a seguir.

O resultado indica que 37,3% do total dos domicílios urbanos brasileiros com renda familiar mensal superior a um salário-mínimo, tiveram um ou mais dos seus membros realizando pelo menos uma viagem doméstica em 2005. O detalhamento desse resultado confirma o senso comum e a expectativa de que o principal determinante desse fenômeno é efetivamente a renda familiar. A proporção dos domicílios com algum viajante aumenta, e de forma significativa, à medida que se considera classes de domicílios com rendas superiores: em nível nacional, passa-se de uma proporção média de 26,8% dos domicílios com renda familiar de 1 a 4 salários mínimos, para 67,4% dos domicílios com renda acima de 15 salários mínimos.

Tabela 1

Domicílios com Pessoas que Realizam Viagens Domésticas, por classe de renda e região de origem (em %)								
Região de Origem	Classe de Renda Mensal Familiar						Total	
	De 1 a 4 SM		De 4 a 15 SM		Acima de 15 SM			
	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005
Centro-Oeste	12,7	17,5	25,8	39,3	49,6	54,0	21,2	27,7
Nordeste	33,8	19,6	55,2	34,3	72,3	54,5	41,3	24,1
Norte	15,4	15,2	39,9	19,3	63,1	42,6	26,2	17,5
Sudeste	26,8	32,6	41,4	54,0	65,8	72,2	37,9	44,1
Sul	25,4	32,1	43,5	54,9	69,1	72,0	37,9	44,6
Total	26,7	26,8	42,5	49,0	65,7	67,4	36,7	37,3

A configuração dos resultados em termos regionais também é consistente com essa tese da importância da renda na determinação das viagens. As regiões mais desenvolvidas, como o Sudeste e o Sul, com PIB per-capita de R\$ 12.540,00 e R\$ 12.081,00 respectivamente em 2004, foram as que apresentaram as maiores proporções de domicílios com viajantes, atingindo o nível de 44%, contra a proporção de 17% da região Norte, cujo PIB per-capita foi

de R\$ 6.500,00 em 2004. Nos casos intermediários das outras duas regiões, chama a atenção o fato do resultado da região mais pobre, o Nordeste, com PIB per-capita de R\$ 4.927,00 em 2004, ter ficado bem próximo daquele associado à região Centro-Oeste (24,1% contra 27,7%), a despeito do PIB per-capita desta última ter atingido também em 2004 R\$ 10.394,00. Isso indica que, além da renda, evidentemente devem existir outras variáveis que também influenciam a ocorrência das viagens. Nesse caso do Centro-Oeste, e também do Norte, o fato dos seus viajantes necessitarem percorrer distâncias relativamente maiores em suas viagens, parece ser uma dessas variáveis adicionais cruciais.

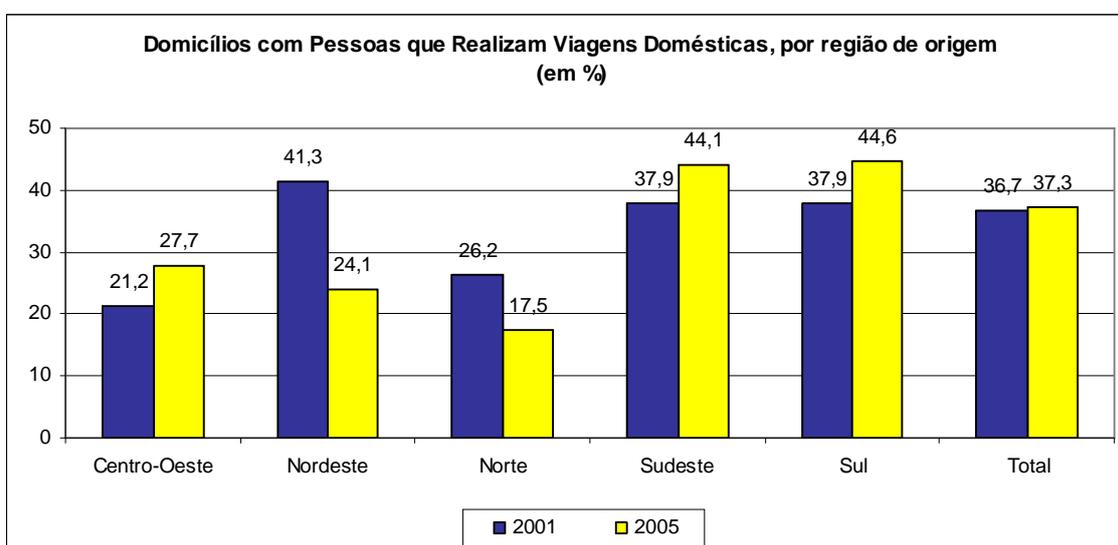
Comparando-se agora os resultados de 2005 com os da pesquisa anterior relativos a 2001, verifica-se que a despeito do resultado geral da proporção dos domicílios com viajantes não ter se alterado significativamente (de 36,7% para 37,3%), o detalhamento dessa comparação revela algumas modificações importantes e, também, um problema de comparabilidade dos resultados dessas duas pesquisas.

No Gráfico 1 a seguir, onde apresenta-se os resultados das proporções dos domicílios com viajantes discriminados por região, constata-se que nos casos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste ocorreu um aumento similar nessa proporção, de cerca de 6 a 7%. Por outro lado, em relação às regiões Nordeste e Norte, verifica-se o movimento inverso, com substancial queda na proporção dos domicílios com pelo menos um viajante. E a já mencionada quase constância na proporção a nível nacional reflete justamente o efeito líquido desses dois comportamentos opostos.

Contudo, no que se referem aos resultados das regiões Nordeste e Norte em 2001, é pertinente lembrar que foram justamente em relação a essas duas regiões que foi detectada a maior incidência de um problema de campo na aplicação dos questionários, com ocorrência de inconsistências nas respostas relativas à realização ou não de viagens do tipo doméstica. E tendo em vista ajustes realizados na amostra para tentar contornar o já citado problema de declarações incompletas em 2002, através do único método viável de verificação e de eliminação dos questionários problemáticos, as indicações são no sentido de que os tamanhos

das amostras das regiões Norte e Nordeste podem ter sido demasiadamente reduzidas, comprometendo a qualidade das estimativas dos seus parâmetros. De fato, parece pouco razoável que em 2001, a proporção dos domicílios com viajantes no Nordeste (41,3%), a região com o menor PIB per-capita, seja maior que os das regiões mais desenvolvidas Sul e Sudeste (37,9%). O mesmo comentário vale para o resultado da região Norte (26,2%), quando confrontado com o da região Centro-Oeste (21,2%).

Gráfico 1



Assim, é bem provável que os resultados das proporções dos domicílios com pelos menos um viajante, relativos às regiões Norte e Nordeste em 2001, estejam bastante superestimados, comprometendo não só a análise da evolução desse indicador nessas regiões, como também no nível agregado nacional.

Outra análise interessante da evolução dos resultados das proporções dos domicílios com viajantes é com relação à estratificação dos mesmos por classe de renda. Concentrando-se essa análise nos casos das três regiões não problemáticas do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, verifica-se que foi na classe dos domicílios com renda familiar entre 1 e 4 SM, que ocorreu o maior aumento da demanda por viagens domésticas, com acréscimos naquela proporção

girando em torno de 11% a 14%. Na primeira classe dos domicílios com 1 a 4 SM de renda, o aumento ficou entre 5% a 7%, enquanto que na última classe dos domicílios com renda superior a 15 SM, o mesmo indicador aumentou de 3% a 6%.

Por outro lado, os dados apresentados na Tabela 2 a seguir, relativos às PNAD de 2001 e 2005, revelam que entre esses dois anos ocorreram substanciais modificações na distribuição da renda dos brasileiros, com um expressivo aumento de 7% no percentual de domicílios com rendas de 1 a 4 SM, acréscimo esse decorrente das reduções de 5% e 2% nas percentagens dos domicílios com rendas de 4 a 15 SM e de Mais de 15 SM. Assim, exclusivamente pela ótica da demanda do setor de Turismo, esse movimento teve o efeito de reduzir o maior dinamismo que as famílias de classe média poderiam ter imprimido para o aumento da demanda do setor.

Tabela 2

Distribuição dos Domicílios Urbanos por Classe de Renda						
Ano	Unid.	Classe de Renda Mensal Familiar				Total
		Até 1 s.m.	De 1 a 4 s.m.	De 4 a 15 s.m.	Acima de 15 s.m.	
2001	Domicílios	2.519.880	18.956.344	14.444.926	3.691.882	39.613.032
	%	6	48	37	9	100
2005	Domicílios	2.664.737	24.663.792	14.591.798	2.940.412	44.860.739
	%	6	55	32	7	100

Fonte: PNAD

Para finalizar essa seção apresenta-se, na Tabela 3, a seguir, a tradução dos resultados até agora analisados, em termos de estimativa do universo de domicílios brasileiros onde pelo menos um dos seus integrantes realizou viagens domésticas. Constata-se que em 2005, cerca de 15,8 milhões de domicílios possuíam pelo menos um viajante, total esse 15,6% superior ao que foi obtido para o ano de 2001. Tendo em mente o já mencionado problema de superestimação dos resultados das regiões Norte e Nordeste em 2001, essa taxa de acréscimo no universo de domicílios com viajantes deve evidentemente ser tomada como uma estimativa bem conservadora. É bem razoável cogitar que a taxa efetiva possa ter atingido mais do que o dobro daquela estimativa, dado que nos casos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que apresentam resultados mais confiáveis em 2001, as taxas de aumento foram de 32,6%, 32,2% e 48,4%, respectivamente.

Tabela 3

Domicílios com Pessoas que Realizam Viagens Domésticas, por classe de renda e região de origem*								
Região de Origem	Classe de Renda Mensal Familiar						Total	
	De 1 a 4 SM		De 4 a 15 SM		Acima de 15 SM		2001	2005
	2001	2005	2001	2005	2001	2005		
Centro-Oeste	189.478	324.281	249.824	400.213	146.188	144.432	585.490	868.926
Nordeste	1.776.053	1.235.920	1.054.674	624.085	296.960	182.074	3.127.687	2.042.079
Norte	197.084	274.509	271.251	135.165	79.171	45.537	547.506	455.211
Sudeste	2.208.343	3.662.442	3.396.551	4.477.254	1.483.634	1.229.416	7.088.528	9.369.112
Sul	684.662	1.108.176	1.166.207	1.519.272	418.352	381.582	2.269.221	3.009.030
Total	5.055.620	6.605.328	6.138.507	7.155.989	2.424.305	1.983.041	13.618.432	15.744.358

Por outro lado, também é importante chamar a atenção para as implicações dos resultados em termos do dimensionamento do mercado potencial para o turismo doméstico, representado pelo universo dos domicílios onde nenhum dos seus membros realizou viagens domésticas. Na Tabela 4 abaixo, constata-se que para 2005 esse conjunto é estimado em cerca de 26,5 milhões de domicílios, evidentemente distribuídos majoritariamente nas classes de rendas familiares mais baixas. Contudo, em termos relativos, constituem-se em contingentes importantes mesmo entre os domicílios de renda mais altas, visto que essa distribuição apresenta a seguinte configuração: 73%, 51% e 33% dos domicílios com renda familiar entre 1 e 4 SM; entre 4 e 15 SM e entre mais de 15 SM, respectivamente.

Tabela 4

Número de Famílias com Membros que Realizam e Não Realizam Viagens Domésticas*				
	Classe de Renda Mensal Familiar			Total
	De 1 a 4 SM	De 4 a 15 SM	Acima de 15 SM	
Total de Famílias	24.663.792	14.591.798	2.940.412	42.196.002
Realizam Viagens Domésticas	6.605.328	7.155.989	1.983.041	15.744.358
%	26,8%	49,0%	67,4%	37,3%
Não Realizam Viagens Domésticas	18.058.464	7.435.809	957.371	26.451.644
	73,2%	51,0%	32,6%	62,7%

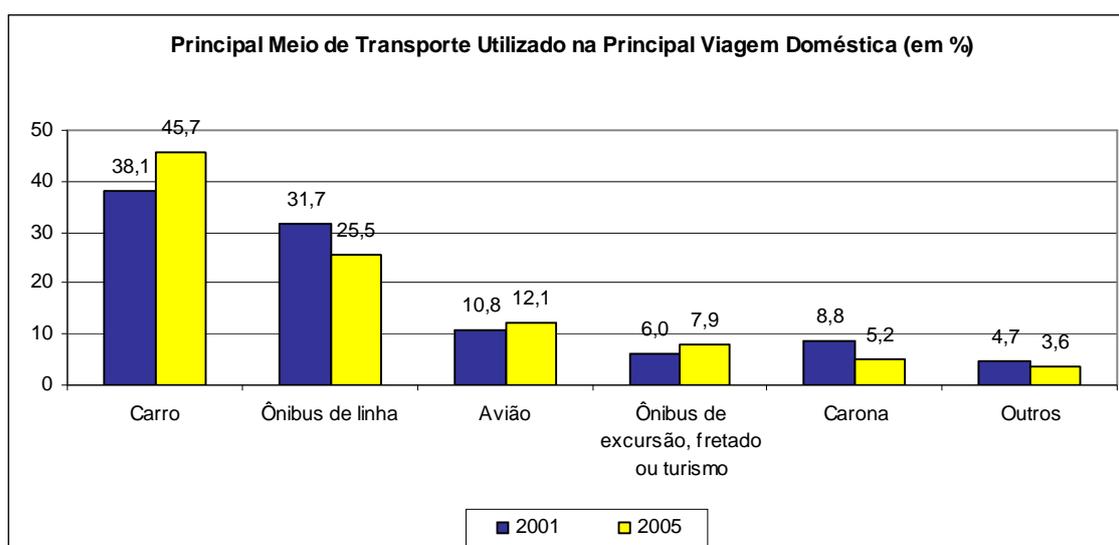
\* Domicílios urbanos com renda mensal acima de um salário mínimo.

## 2. MEIO DE TRANSPORTE

Os resultados relativos aos tipos de meios de transporte utilizados nas viagens domésticas são apresentados no Gráfico 2 e na Tabela 5 a seguir, nesta última classificados por região de destino das viagens. Em termos agregados, verifica-se que o carro próprio constituiu-se no principal meio de transporte utilizado pelos turistas domésticos. A percentagem de uso desse meio, que em 2001 atingiu 38,1%, aumentou significativamente alcançando 45,7% em 2005. Os outros meios de transporte que também aumentaram o percentual de uso foram o aéreo, de 10,8% em 2001 para 12,1% em 2005, e os ônibus de excursão, fretado ou de turismo, que aumentou de 6,0% para 7,9%. Por outro lado, verifica-se queda na utilização de ônibus de linha, o qual respondia por 31,7% das viagens em 2001, mas que na última pesquisa passa a 25,5%.

Esses resultados indicam uma inequívoca melhora da qualidade das viagens, evidenciada pelo crescimento na utilização de meios de transporte próprio e dos mais rápidos e confortáveis como o avião, em detrimento do uso de, por exemplo, ônibus de linha, uma opção notadamente mais econômica de transporte.

Gráfico 2



Em relação aos resultados desagregados regionalmente, vale a pena destacar os casos das regiões Sul e Sudeste, onde em mais da metade das viagens são utilizados os automóveis, e onde também prevalecem as menores taxas de utilização do transporte aéreo. Isso é explicado pelo fato dos principais emissores de turistas dessas regiões serem essas próprias regiões, implicando que grande parte das viagens envolve distâncias relativamente curtas, passíveis de serem efetuadas por carro próprio e com menor uso do avião. Por outro lado, são nas viagens às regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, onde ocorrem os maiores percentuais de utilização do transporte aéreo. Em grande medida isso deve ser consequência das grandes distâncias que os turistas originários principalmente das duas mais importantes regiões emissoras do país (Sudeste e Sul) necessitam percorrer nas suas viagens até aquelas três regiões.

Tabela 5

Principal Meio de Transporte Utilizado na Principal Viagem Doméstica, por Região de Destino (em %)												
Meio de Transporte	Região de Destino										Total	
	Sul		Sudeste		Nordeste		Norte		Centro-Oeste			
	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005
Carro	46,4	55,9	47,1	50,1	22,8	29,5	14,6	17,6	31,3	41,7	38,1	45,7
Ônibus de linha	31,5	24,4	28,6	25,0	37,2	26,7	35,3	37,6	28,1	24,2	31,7	25,5
Avião	5,4	7,7	6,3	5,6	17,5	29,5	26,1	27,1	19,8	16,4	10,8	12,1
Ônibus de excursão, fretado ou turismo	6,1	5,7	4,2	8,8	6,6	7,3	3,8	2,9	15,1	12,8	6,0	7,9
Carona	8,8	4,9	9,9	6,9	9,2	2,6	3,8	3,0	2,5	3,0	8,8	5,3
Van ou perueiro	0,2	0,8	1,2	1,7	2,5	2,1	1,3	1,4	2,5	0,2	1,5	1,5
Navio ou barco	0,0	0,0	0,0	0,2	0,5	1,5	12,6	8,1	0,0	0,0	0,5	0,6
Moto	0,3	0,3	0,4	0,5	0,6	0,6	0,0	1,2	0,0	0,4	0,4	0,5
Outros	1,3	0,3	2,3	1,3	3,2	0,2	2,5	1,1	0,7	1,1	2,3	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Na Tabela 6 a seguir, os resultados da utilização dos meios de transporte são agora desagregados por classes de renda familiar dos viajantes. Do ponto de vista geral, esses resultados apresentam uma configuração inteiramente dentro da expectativa: a taxa de utilização do carro próprio e do transporte aéreo claramente aumenta com a renda dos viajantes, ocorrendo o contrário com a utilização do ônibus de linha.

Contudo, um resultado específico em relação à classe de renda mais baixa, de 1 a 4 SM, chama a atenção e vale a pena aqui destacar. Nesta classe é possível constatar com mais nitidez o já mencionado aspecto da melhora da qualidade das viagens ocorrida entre 2001 e 2005. Constata-se que as percentagens de utilização do ônibus de linha e da carona reduziram-

se em 11% e 7%, sendo substituídos primordialmente pelo automóvel (aumento de 15%) e também pelo ônibus de excursão, fretado ou de turismo. Até o transporte aéreo teve um incremento de utilização pelos viajantes dessa classe de menor renda, passando para o percentual de cerca de 6%.

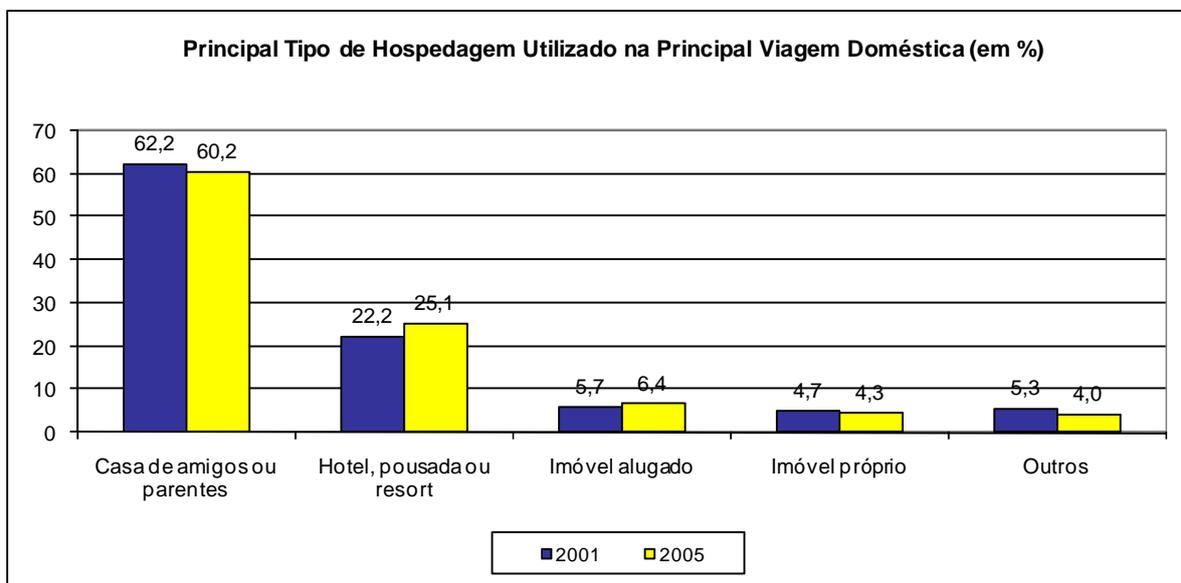
Tabela 6

Principal Meio de Transporte Utilizado na Principal Viagem Doméstica, por Classe de Renda (em %)								
Meio de Transporte	Classe de Renda Familiar						Total	
	De 1 a 4 SM		De 4 a 15 SM		Acima de 15 SM		2001	2005
	2001	2005	2001	2005	2001	2005		
Carro	17,5	32,4	48,1	55,1	55,6	55,8	38,1	45,7
Ônibus de linha	50,0	39,2	25,3	18,3	9,8	6,4	31,7	25,5
Avião	3,6	6,0	10,1	12,5	27,5	31,0	10,8	12,1
Ônibus de excursão, fretado ou turismo	7,0	9,5	5,4	7,6	5,2	3,7	6,0	7,9
Carona	14,9	8,1	6,8	3,8	1,1	1,3	8,8	5,3
Van ou perueiro	2,4	2,2	1,2	1,1	0,3	0,3	1,5	1,5
Navio ou barco	0,8	0,6	0,4	0,6	0,2	0,9	0,5	0,6
Moto	0,5	0,7	0,5	0,5	0,1	0,3	0,4	0,5
Outros	3,2	1,4	2,2	0,5	0,2	0,3	2,3	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

### 3. TIPO DE HOSPEDAGEM

A mudança na qualidade das viagens, já tratada nos comentários sobre o principal meio de transporte utilizado, também é aparente quando se observam os dados sobre o tipo de hospedagem da principal viagem doméstica. A queda em casa de amigos ou parentes (62,2% para 60,2%) tem como contraponto o aumento no uso de hotéis, pousadas ou resorts (de 22,2% para 25,1%). Parte dos turistas que antes optavam pela hospedagem em casas de amigos ou parentes passam a privilegiar meios de hospedagem comerciais. Por conseqüência, é esperada a diversificação dos destinos das viagens, uma vez que os turistas passam a considerar a visita a locais diferentes daqueles nos quais possuem conhecidos ou familiares.

Gráfico 3



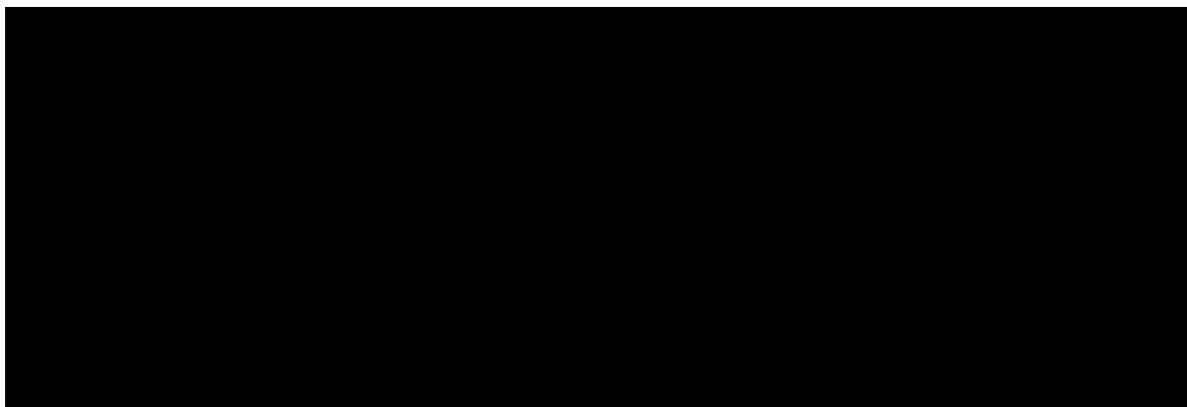
A desagregação desses resultados por região de destino das viagens, apresentados na Tabela 7 a seguir, pouco acrescenta à configuração dos resultados agregados. Casa de amigos ou parentes é destacadamente o principal meio de hospedagem em todas as regiões, seguido pelo hotel, pousada ou resort. Como aspecto diferencial, vale a pena destacar que o imóvel alugado constitui-se num meio alternativo importante de hospedagem apenas nas viagens com destino nas regiões Sudeste e Sul.

Tabela 7

Principal Tipo de Hospedagem Utilizado na Principal Viagem Doméstica, por Região de Destino (em %)												
Tipo de Hospedagem	Região de Destino										Total	
	Sul		Sudeste		Nordeste		Norte		Centro-Oeste			
	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005	2001	2005
Casa de amigos ou parentes	63,6	57,9	63,3	62,7	61,5	55,7	57,1	71,0	57,5	58,1	62,2	60,2
Hotel, pousada ou resort	17,4	22,9	18,9	20,8	26,6	36,5	28,7	20,4	32,7	31,1	22,2	25,1
Imóvel alugado	8,5	10,4	7,5	7,2	2,7	2,7	1,6	0,7	1,6	1,2	5,7	6,4
Imóvel próprio	5,9	5,1	5,6	4,9	3,5	2,6	3,7	4,0	1,0	3,4	4,7	4,3
Colônia de férias	0,5	1,5	2,4	2,0	0,7	0,4	0,9	0,5	0,4	0,4	1,4	1,4
Camping ou albergue	1,2	1,0	1,1	0,6	0,5	0,4	4,4	0,5	2,4	2,5	1,1	0,8
Motel ou pensão	0,1	0,2	0,4	0,2	1,0	0,3	0,7	1,4	0,6	0,5	0,6	0,3
Outros	2,8	1,0	0,9	1,6	3,5	1,5	3,0	1,3	3,7	2,9	2,2	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Em relação à desagregação dos resultados por classes de renda familiar dos viajantes, na Tabela 8 a seguir é possível constatar que todas as estimativas corresponderam às expectativas. A taxa de utilização da casa de amigos ou parentes reduz-se drasticamente à medida que aumenta a renda dos viajantes, sendo substituída principalmente pelo hotel, pousada ou resort, e também pelos imóveis alugado e próprio.

Tabela 8



#### **4. GASTO E PERMANÊNCIA**

Os resultados relativos aos gastos e permanência médias por viagem doméstica, desagregados por região de destino dessas viagens, são apresentados na Tabela 9 e Gráficos 4 a 6 a seguir. Considerando-se inicialmente os resultados relativos ao gasto total médio por viagem da família, verifica-se que os mesmos apresentam níveis bastante diferenciados por região de destino das viagens, níveis esses que também apresentaram comportamentos diferenciados entre os anos de 2001 e 2005.

Tabela 9

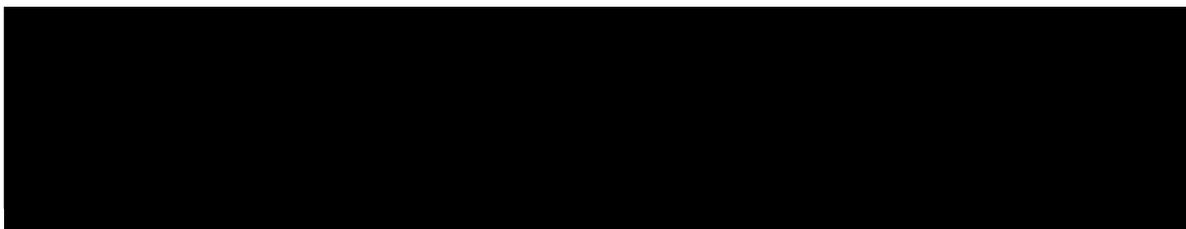
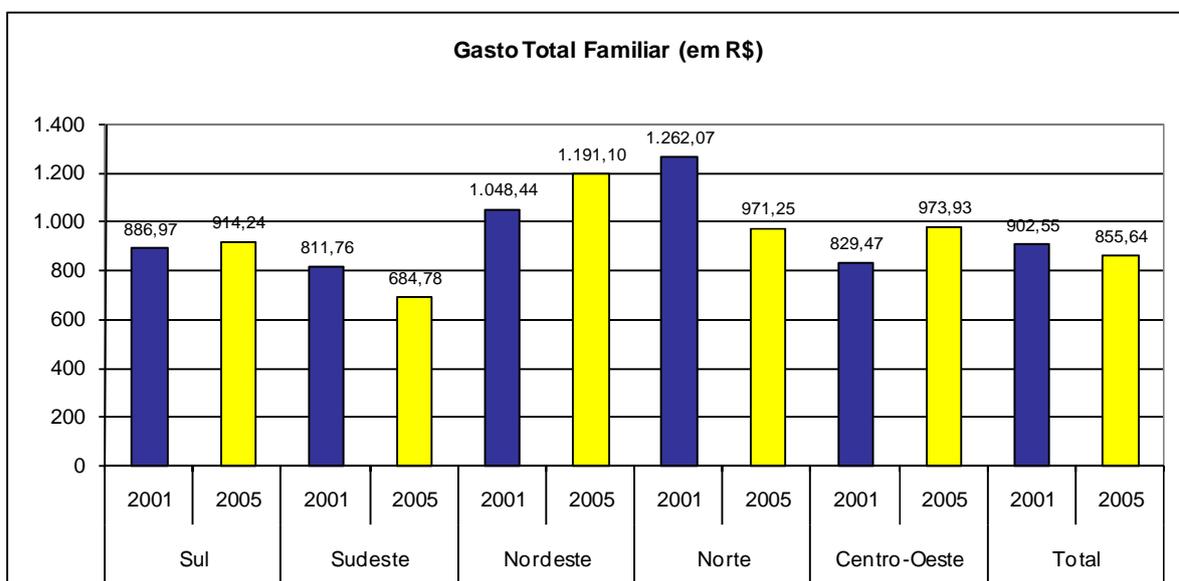


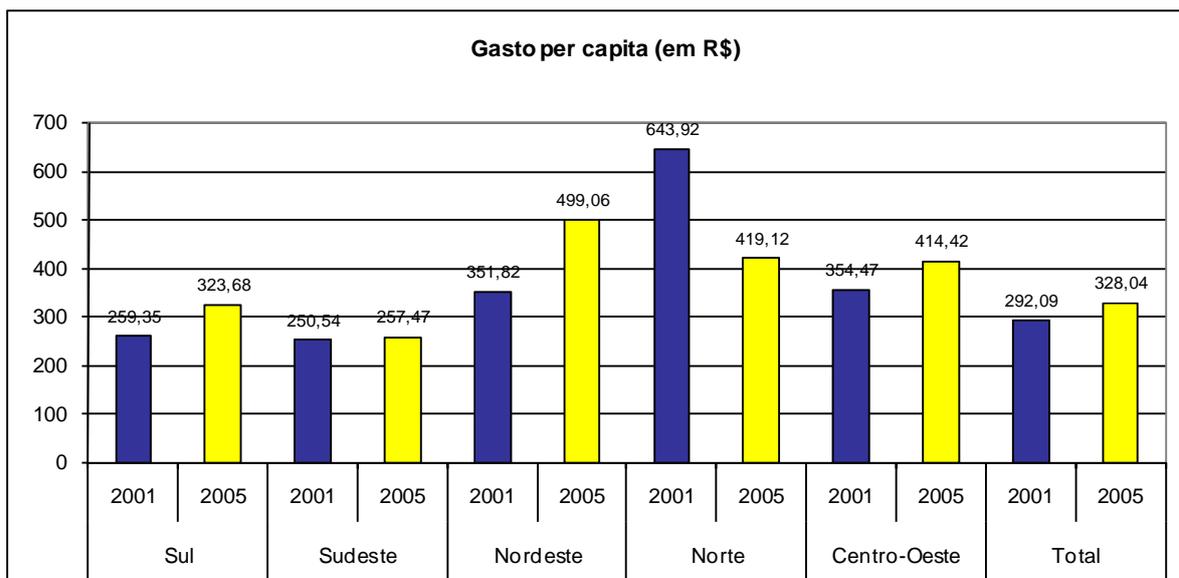
Gráfico 4



Considerando-se nesses gastos total familiar com comportamentos tão diferenciados estão envolvidos diferenças nos números médios de pessoas da família que viajam, bem como nas permanências médias destes, é conveniente isolar cada um desses fatores, focando a análise em diferentes conceitos de gasto médio. Analisando-se inicialmente o comportamento do gasto per capita médio por viagem em 2005, verifica-se através do Gráfico 5, que o maior deles ocorreu nas viagens para a região Nordeste (R\$ 499,06), seguido pela região Norte (R\$ 419,12), região Centro-Oeste (R\$ 414,42), região Sul (R\$ 323,68) e finalmente a região Sudeste (R\$ 254,47). Excluindo-se o caso da região Norte, em todas as regiões esses valores eram menores em 2001, indicando que, em média, ocorreram aumentos nas demandas de serviços por viajante. Na região Norte ocorreu justamente o contrário, com significativa

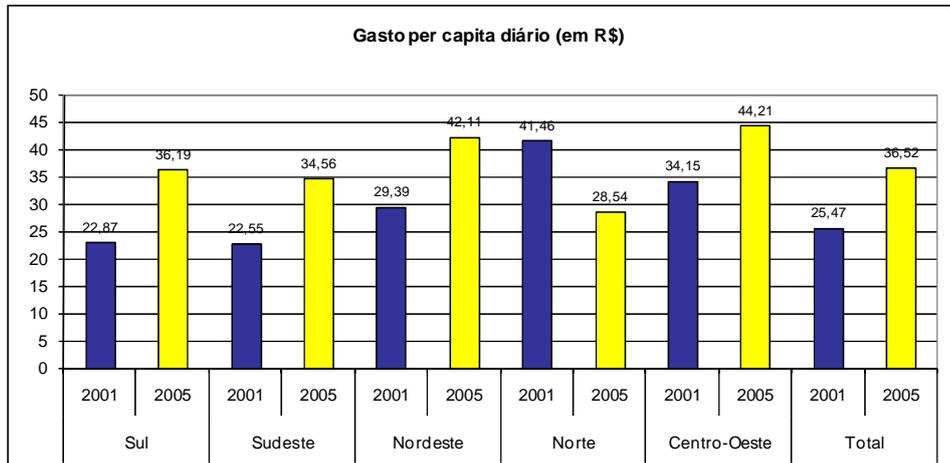
queda do gasto médio per capita, fazendo com que as viagens a essa região passasse da posição de maior nível de gasto por viajante em 2001 para a segunda posição em 2005.

Gráfico 5



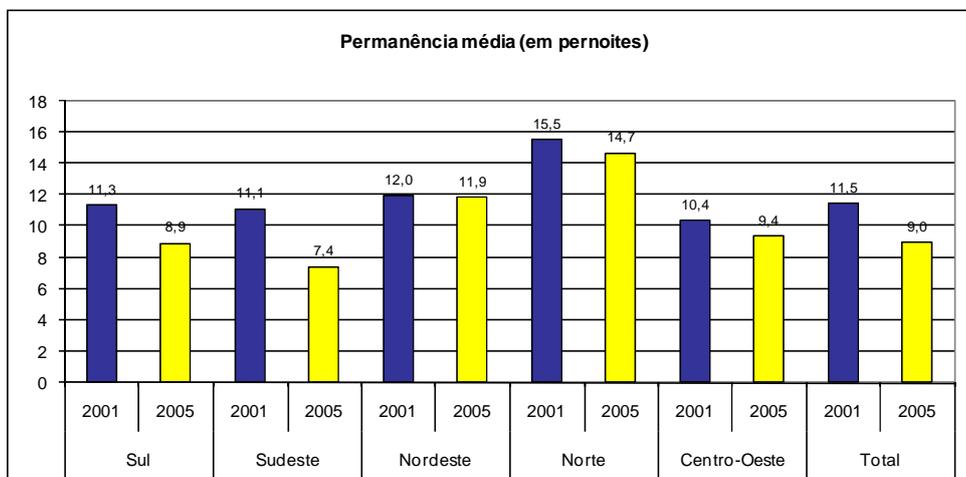
Detalhando-se um pouco mais o comportamento dos gastos das viagens, de modo a eliminar as diferenças de permanência dos viajantes, pode-se constatar no Gráfico 6 que em termos de gasto per capita diário, tem-se a seguinte nova ordenação em 2005: região Centro-Oeste (R\$ 44,21); região Nordeste (R\$ 42,11); região Sul (R\$ 36,19); região Sudeste (R\$ 34,56); e região Norte (R\$ 28,54). Da mesma forma que no caso anterior, excetuando-se o caso da região Norte, todos esses gastos médios eram menores em 2001, sendo que neste caso com diferenças bem mais significativas.

Gráfico 6



Finalmente, no Gráfico 7, são apresentados os resultados das permanência médias das viagens. Verifica-se que existem significativas diferenças deste parâmetro nas viagens para as diferentes regiões, tendo-se em 2005 como casos extremos as viagens para a região Norte, que em média duraram 14,7 dias, e para a região Sudeste, com duração média de 7,4 dias. Em relação ao ano de 2001, em todas as regiões ocorreu diminuição na permanência média dos turistas domésticos, sendo que a maior diminuição ocorreu nas viagens para a região Sudeste, com a permanência média caindo de 11,1 dias para 7,4 dias.

Gráfico 7



Na Tabela 10 e Gráficos 8 a 11 apresentados a seguir, os resultados dos gastos e das permanências médias das viagens são desagregados por classe de renda familiar dos viajantes. Embora, como deveria se esperar, em todos os conceitos de gastos médios considerados anteriormente, os valores dos gastos evidentemente aumentam à medida que aumentam as rendas familiares dos viajantes, esses novos resultados são úteis para corroborar as conclusões gerais extraídas nos resultados anteriores desagregados por região de destino das viagens. Não obstante tenha ocorrido uma diminuição na permanência média dos viajantes de todas as classes de renda, entre os anos de 2001 e 2005, essa queda foi mais do que compensada pelo aumento do gastos médio diário também em todas as classes de renda, implicando num aumento do gasto por viajante por viagem, qualquer que seja o nível de renda deste.

Tabela 10

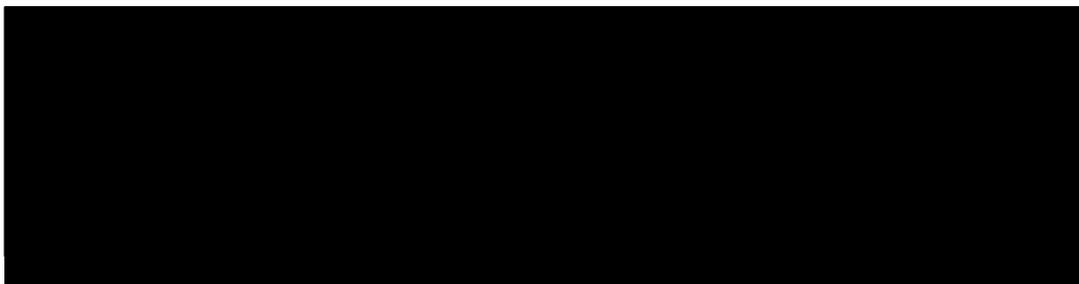


Gráfico 8

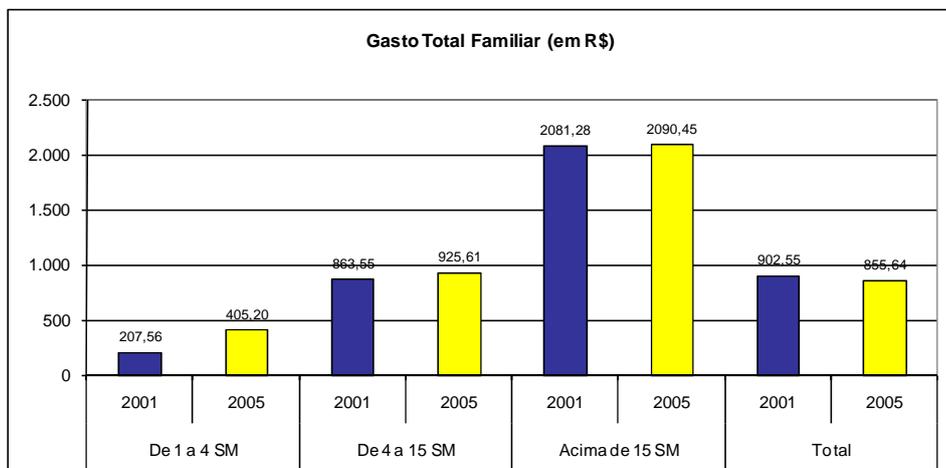


Gráfico 9

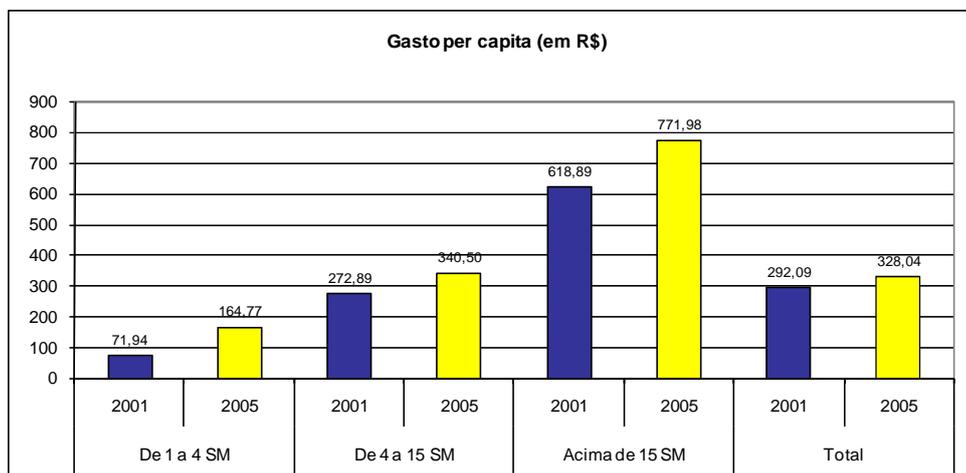


Gráfico 10

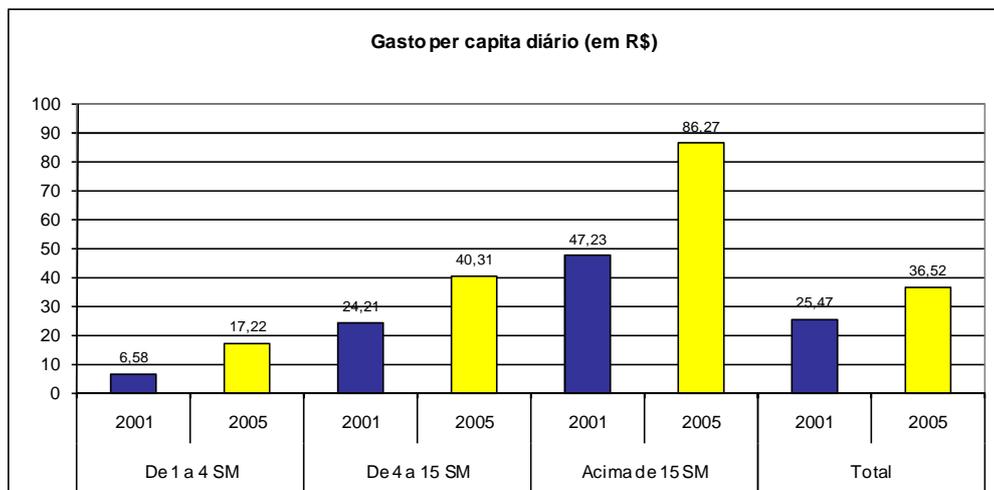
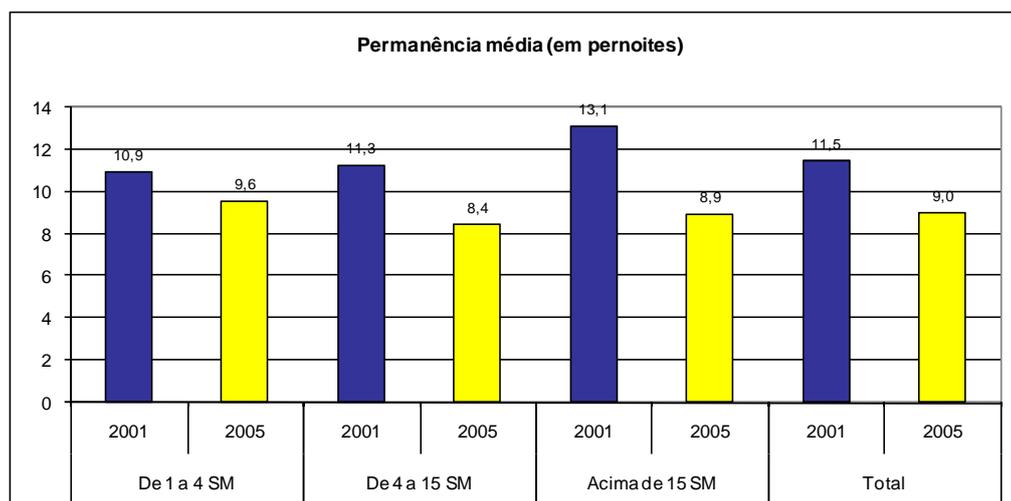


Gráfico 11



## 5. ORIGENS E DESTINOS DOS FLUXOS DAS VIAGENS DOMÉSTICAS

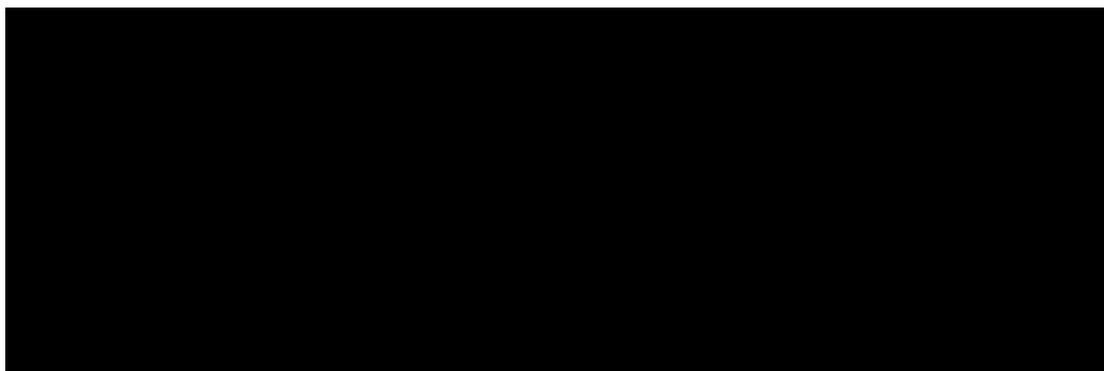
O quadro das origens e destinos dos fluxos das viagens domésticas permite compreender a direção e a magnitude dos fluxos turísticos no País. Os Quadros 1 e 2 apresentados a seguir sintetizam os fluxos de turistas domésticos entre as regiões brasileiras - o primeiro refere-se ao ano de 2001 e o segundo ao ano de 2005. Os dados de 2001 não permitem inferências sobre o turismo doméstico brasileiro em nível de Unidade da Federação, somente em nível de região.

Quadro 1

Origem e Destino dos Fluxos das Viagens Domésticas, por região - 2001 (em %)						
Região de Origem	Região de Destino					Total
	Sul	Sudeste	Nordeste	Norte	Centro-Oeste	
Sul	13,2	2,2	0,6	0,1	0,5	16,6
Sudeste	3,4	38,7	6,4	0,3	3,3	52,1
Nordeste	0,4	1,8	19,6	0,5	0,6	23,0
Norte	0,1	0,8	0,9	1,8	0,5	4,0
Centro-Oeste	0,3	1,2	0,9	0,3	1,6	4,3
Total	17,4	44,7	28,3	3,0	6,5	100,0

Os fluxos intra-regionais respondem, em média, por 74,9% das viagens domésticas.

## Quadro 2



Tomando como base o quadro origem-destino de 2005, faz-se a leitura dos principais aspectos que podem ser observados neste tipo de análise. A primeira possibilidade é verificar a importância das regiões no fluxo emissivo e receptivo doméstico, expostos, respectivamente, na coluna à direita e na linha inferior da matriz. No caso do emissivo, observa-se, por exemplo, que a região Sudeste é responsável por 59,4% do turismo emissivo doméstico brasileiro, ou seja, quase 60% dos brasileiros que fazem viagens domésticas residem nesta região, configurando-se como maior mercado para o setor. Em 2001, o Sudeste possuía 52,1% do fluxo emissivo, registrando, dessa forma, um ganho de 7,3% nessa participação no turismo emissivo, em 2005.

Ainda em relação ao emissivo, embora distantes da participação relativa do Sudeste, as regiões Sul e Nordeste também figuram como dois importantes mercados emissivos: respectivamente com 19,5% e 12,5% do turismo emissivo do país.

No que se refere especificamente aos resultados do turismo emissivo da região Nordeste, e também Norte, em 2001, é pertinente aqui lembrar o já mencionado problema da superestimação dos domicílios com viajantes nessas duas regiões. A queda de 23% na participação do Nordeste no fluxo total emissivo em 2001, para 12,5% em 2005 é em grande

parte conseqüência daquele problema que, como já destacado, prejudica a análise comparativa entre esses dois anos para as regiões Nordeste e Norte.

Por outro lado, os dados sobre a participação de cada uma das regiões no turismo doméstico receptivo podem ser visualizados na última linha do quadro. Em 2005, verifica-se que a região Sudeste recebeu 50% dos turistas domésticos brasileiros, com aumento de 5,3% nessa participação em relação a 2001. Os dados também mostram a equivalência das regiões Sul e Nordeste em termos de receptivo no ano de 2005, ambas com aproximadamente 20% do fluxo.

Outra possível leitura do quadro refere-se ao fluxo intra-regional, ou seja, no qual o turista viaja para um destino em sua própria região de residência. Esses resultados podem ser visualizados na diagonal que vai desde o canto superior esquerdo do quadro até o seu canto inferior direito. A leitura destas informações indica, por exemplo, que do total de turistas domésticos no País, 44,0% é composto por famílias residentes no Sudeste que visitam destinos na própria região; ou que 14,8% são residentes no Sul que se dirigem a destinos desta mesma região. Em média, em 2005, 73,1% das viagens domésticas são intra-regionais.

Tomando agora o caso da região Nordeste como exemplo, pode-se indicar como é feita a leitura geral de seus resultados referentes ao turismo emissivo e receptivo, em 2005. Quanto ao primeiro, no que se refere aos residentes no Nordeste, os dados na linha do quadro indicam que 0,2% do fluxo total de turistas brasileiros é formado por pessoas que residem nesta região e que visitam o Sul do país, 1,6% visitam a região Sudeste; 10,2% a própria região Nordeste, 0,2% a região Norte, e 0,3% a região Centro-Oeste, totalizando os 12,5% do fluxo emissivo do país com origem nessa região Nordeste.

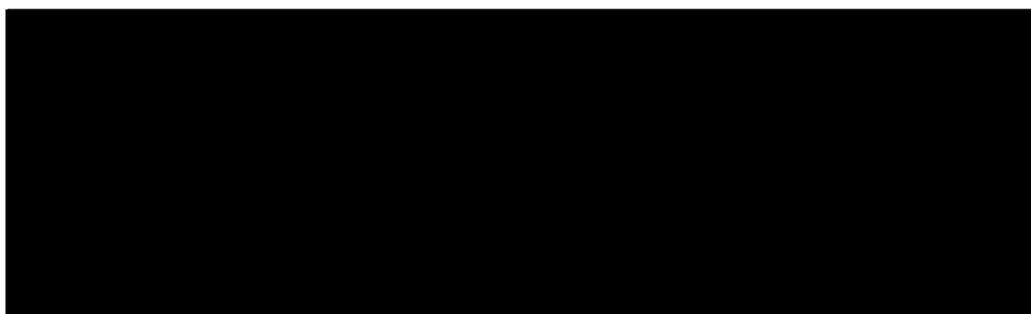
Quanto ao fluxo receptivo desta região, os dados da coluna no quadro indicam que do total de 20,1% do fluxo total de turistas do país que visitam a região, 1% são residentes na região Sul, 7,2% na região Sudeste, 10,2% na própria região Nordeste, 0,5% na Região Norte e 1,1% na região Centro-Oeste.

O quadro origem-destino pode ser transformado de duas maneiras, tendo em vista a apresentação de resultados focados no turismo emissor ou no receptor. No Quadro 3 adaptado para análise do emissor, as linhas passam a conter a distribuição do emissor de cada região – neste caso – somando 100% na coluna à direita (ver os Quadros 3 e 4 abaixo, relativas a 2001 e 2005). Para analisar o receptor, as colunas passam a exibir a distribuição do receptor por região, totalizando 100% na linha inferior da matriz (ver os Quadros 5 e 6 seguintes).

Quadro 3

Origem e Destino dos Fluxos das Viagens Domésticas, por região - 2001 (em %)						
Região de Origem	Região de Destino					Total
	Sul	Sudeste	Nordeste	Norte	Centro-Oeste	
Sul	79,6	13,5	3,4	0,5	3,0	100,0
Sudeste	6,5	74,3	12,3	0,6	6,4	100,0
Nordeste	1,6	8,0	85,5	2,4	2,6	100,0
Norte	3,2	19,2	21,2	44,2	12,2	100,0
Centro-Oeste	8,0	28,1	20,2	6,9	36,9	100,0
Total	17,4	44,7	28,3	3,0	6,5	100,0

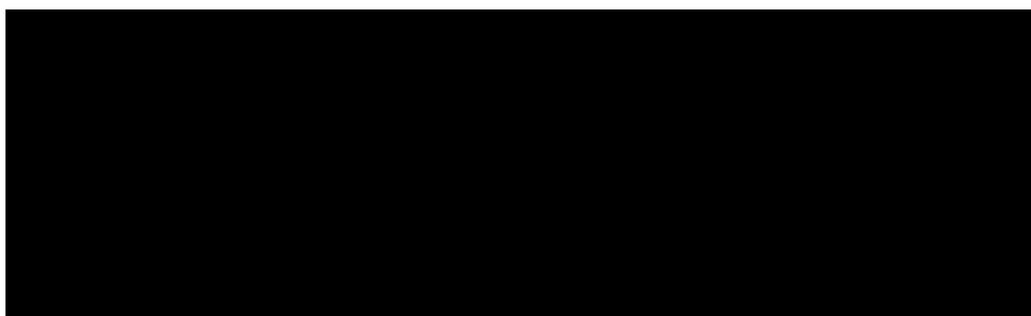
Quadro 4



Quadro 5

Origem e Destino dos Fluxos das Viagens Domésticas, por região - 2001 (em %)						
Região de Origem	Região de Destino					Total
	Sul	Sudeste	Nordeste	Norte	Centro-Oeste	
Sul	75,9	5,0	2,0	2,6	7,7	16,6
Sudeste	19,3	86,5	22,6	10,1	51,0	52,1
Nordeste	2,1	4,1	69,3	18,3	9,3	23,0
Norte	0,7	1,7	3,0	59,3	7,6	4,0
Centro-Oeste	2,0	2,7	3,1	9,8	24,4	4,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Quadro 6



Tomando a região Sul como exemplo, verifica-se que no ano de 2005 (Quadro 4) 75,7% de seus residentes viajaram para a própria região, 14,7% para o Sudeste, 5,3% para o Nordeste, 0,5% para o Norte e 3,9% para o Centro-Oeste. Quanto ao receptivo, ainda em 2005 (Quadro 6), 72,5% dos turistas domésticos recebidos na região Sul são provenientes da própria região, 22,7% residem no Sudeste, 1,2% no Nordeste, 0,2% no Norte e 3,4% no Centro-Oeste.

A relação entre o emissivo e o receptivo de uma região indica se essa é preponderantemente emissiva ou receptiva. Relação maior que um significa que na região o turismo emissivo tem maior destaque que o receptivo. Por outro lado, se a relação for menor que um, a região destaca-se mais pelo turismo receptivo do que pelo emissivo. As Tabelas 11 e 12 abaixo apresentam estes resultados para os anos de 2001 e 2005.

Tabela 11

Emissores e Receptores, em Número de Turistas, por região - 2001			
Região	% Emissivo	% Receptivo	Relação Emissivo/Receptivo
Centro-Oeste	4,3	6,5	0,7
Nordeste	23,0	28,3	0,8
Norte	4,0	3,0	1,3
Sudeste	52,1	44,7	1,2
Sul	16,6	17,4	1,0
TOTAL	100,0	100,0	1,0

Tabela 12

Emissores e Receptores, em Número de Turistas, por região - 2005			
Região	% Emissivo	% Receptivo	Relação Emissivo/Receptivo
Centro-Oeste	5,8	6,5	0,9
Nordeste	12,5	20,1	0,6
Norte	2,8	2,9	0,9
Sudeste	59,4	50,0	1,2
Sul	19,5	20,4	1,0
TOTAL	100,0	100,0	1,0

Em 2005, a relação emissivo/receptivo do Sudeste foi de 1,2, indicando tratar-se de uma região preponderantemente emissiva. Já no Nordeste, a relação de 0,6 sinaliza que o turismo receptivo é seu destaque. Por sua vez, no Sul o resultado 1 indica equilíbrio na importância do emissivo e do receptivo.

Em forma gráfica (ver Gráficos 11 e 12 a seguir), os resultados podem ser lidos da seguinte forma: as regiões situadas abaixo e à direita da linha diagonal que cruza o gráfico são preponderantemente emissivas - aquelas com relação emissivo/receptivo maior que um. Já as regiões situadas acima e à esquerda da linha são preponderantemente receptivas - relação menor que um. As regiões que apresentam equilíbrio entre o fluxo receptivo e o emissivo estão próximas da diagonal.

Os gráficos também exibem a participação das regiões no fluxo emissivo (eixo horizontal) e no receptivo (eixo vertical).

Gráfico 12

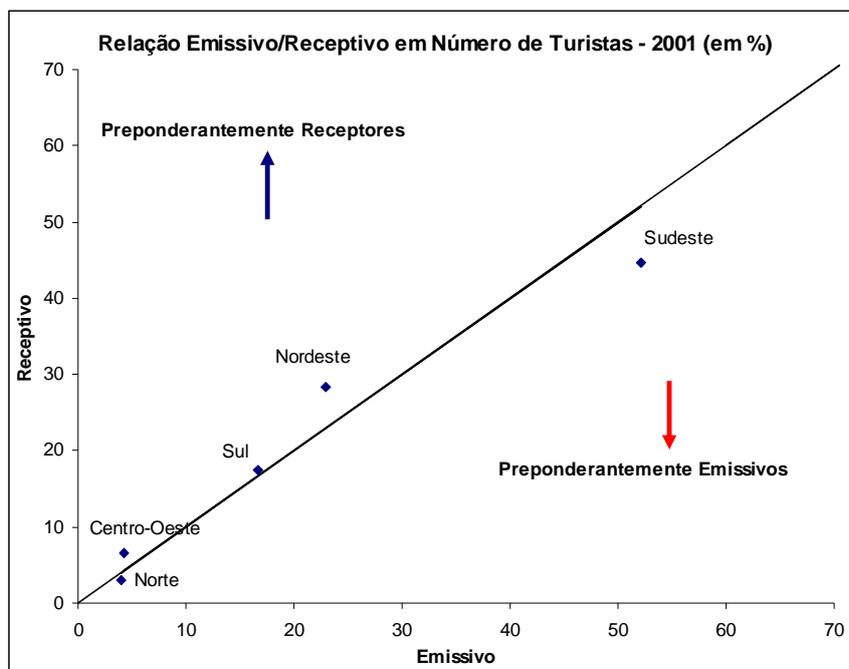
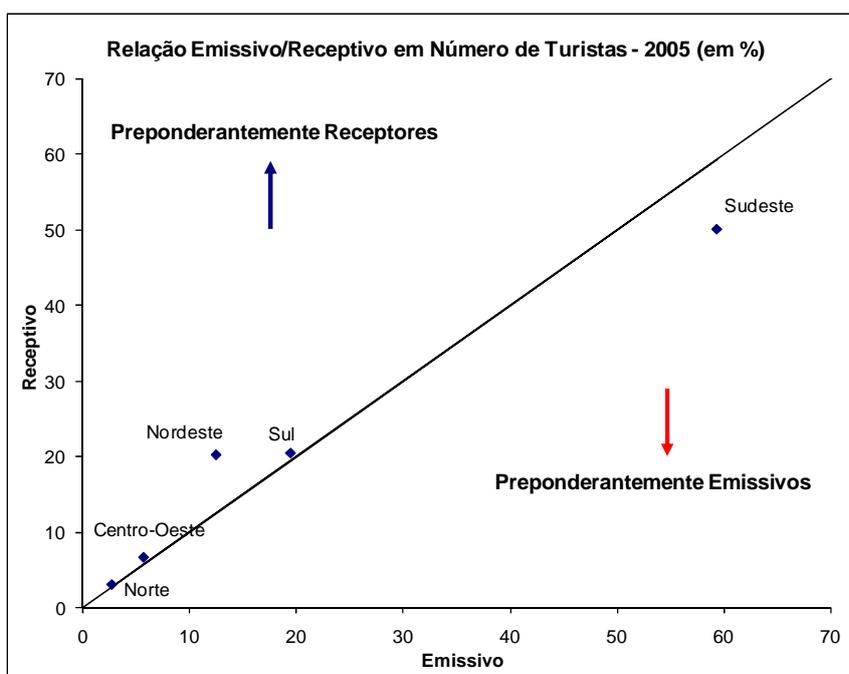


Gráfico 13



Da mesma forma que se faz com as regiões, pode-se elaborar o quadro origem-destino para as UF's, bem como a relação emissor/receptor. No entanto, devido aos mencionados problemas amostrais dos dados de 2001, só é possível dispor dessa forma de resultados para o ano de 2005.

As mesmas leituras realizadas no quadro origem-destino de regiões são possíveis no Quadro 7 a seguir, referente às UFs em 2005. Na Tabela 13 abaixo, apresenta-se as relações Emissivo/Receptor por UFs também em 2005.

Os dados indicam as UFs com maior importância no emissor: São Paulo (35,7%), Minas Gerais (13,6%), Rio de Janeiro (8,2%), Rio Grande do Sul (7,9%) e Paraná (7,4%).

Quanto ao receptor, destacam-se as seguintes UFs: São Paulo (27,7%), Minas Gerais (10,8%), Rio de Janeiro (8,4%), Bahia (7,4%) e Santa Catarina (7,2%).

Quadro 7

Origem e Destino dos Fluxos das Viagens Domésticas em 2005 (em%)

Origem	Destino	Sul			Sudeste				Nordeste								Norte						Centro-Oeste				Total		
		PR	RS	SC	ES	MG	RJ	SP	AL	BA	CE	MA	PB	PE	PI	RN	SE	AC	AM	AP	PA	RO	RR	TO	DF	GO		MS	MT
Sul	PR	3,3	0,3	1,5	0,0	0,1	0,2	1,2	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1	7,4
	RS	0,2	4,6	1,8	0,0	0,1	0,2	0,3	0,1	0,2	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	7,9
	SC	0,5	0,6	2,0	0,0	0,1	0,1	0,6	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	4,2
Sudeste	ES	0,0	0,0	0,0	0,6	0,3	0,3	0,3	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,8
	MG	0,1	0,1	0,2	1,5	5,2	1,4	2,3	0,0	1,2	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,8	0,1	0,1	13,6
	RJ	0,1	0,3	0,1	0,6	1,3	3,7	0,9	0,1	0,4	0,2	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	8,3
	SP	1,6	0,6	1,4	0,2	3,2	1,8	20,5	0,3	1,9	0,7	0,2	0,2	0,7	0,1	0,2	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,7	0,6	0,2	35,7
Nordeste	AL	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
	BA	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,2	0,3	0,0	2,1	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,5
	CE	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	1,3	0,0	0,0	0,2	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,0
	MA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
	PB	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,5	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
	PE	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,0	0,1	1,5	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	2,9
	PI	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4
	RN	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
SE	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,9	
Norte	AC	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
	AM	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,5
	AP	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
	PA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0
	RO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
	RR	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
	TO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,3
Centro-Oeste	DF	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,1	0,0	0,3	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	1,7
	GO	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,2	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,9	0,0	0,1	2,1
	MS	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,9
	MT	0,2	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,3	1,1
Total		6,4	6,8	7,2	3,1	10,8	8,4	27,7	1,1	7,4	3,4	1,0	1,2	3,4	0,6	1,3	0,7	0,1	0,7	0,1	1,2	0,5	0,1	0,3	1,0	3,1	1,3	1,1	100,0

\* Os números zeros em negrito referem-se a resultados diferentes de zero mas inferiores à aproximação de um décimo de porcentagem

Tabela 13

Emissores e Receptores, em Número de Turistas, por UF - 2005			
UF	% Emissivo	% Receptivo	Relação Emissivo/Receptivo
SP	35,7	27,7	1,3
MG	13,6	10,8	1,3
RJ	8,3	8,4	1,0
RS	7,9	6,8	1,2
PR	7,4	6,4	1,1
SC	4,2	7,2	0,6
BA	3,5	7,4	0,5
PE	2,9	3,4	0,8
GO	2,1	3,1	0,7
CE	2,0	3,4	0,6
ES	1,8	3,1	0,6
DF	1,7	1,0	1,8
MT	1,1	1,1	0,9
PA	1,0	1,2	0,9
PB	1,0	1,2	0,8
SE	0,9	0,7	1,2
MS	0,9	1,3	0,7
AL	0,6	1,1	0,6
MA	0,6	1,0	0,6
RN	0,6	1,3	0,5
RO	0,6	0,5	1,3
AM	0,5	0,7	0,8
PI	0,4	0,6	0,7
TO	0,3	0,3	0,8
AP	0,1	0,1	1,7
AC	0,1	0,1	1,2
RR	0,1	0,1	1,2
TOTAL	100,0	100,0	1,0

## **6. INFERÊNCIAS SOBRE A DIMENSÃO DO TURISMO DOMÉSTICO**

Os Gráficos 14 e 15 a seguir apresentam inferências sobre a dimensão do turismo doméstico no Brasil nos anos de 2001 e 2005. Cabe a ressalva de que a pesquisa de 2001 não permite obter algumas inferências possíveis para 2005, devido à ausência, em 2001, do dado sobre a quantidade média de pessoas por domicílio que participa das viagens domésticas.

No Gráfico 14 abaixo apresenta-se os dados possíveis de comparação entre os anos de 2001 e 2005. Duas operações são realizadas para se obter o resultado final apresentado, referente ao total de viagens realizadas pelos residentes nos domicílios do universo da pesquisa, independente do número de pessoas envolvidas nas viagens. A primeira operação envolve a multiplicação entre o total de domicílios do universo da pesquisa, segundo a PNAD do período de referência considerado, e a parcela de domicílios dos quais pelo menos uma pessoa consumiu ao menos uma viagem doméstica no período considerado; esta operação resulta no total de domicílios que possuem ao menos uma pessoa consumidora de turismo – ou, simplesmente, domicílios consumidores de turismo.

A segunda operação realizada trata da multiplicação do último valor obtido pelo número médio de viagens realizadas por cada domicílio, que tem como resultado os valores finais do quadro: o número de viagens domésticas realizadas pelos domicílios brasileiros, para os dois anos considerados.

O Gráfico 15 seguinte apresenta dados disponíveis apenas para o ano de 2005, por razões já apresentadas. Duas novas operações são executadas. Na primeira, multiplica-se o número de domicílios consumidores de turismo (15.739.000) pelo número médio de pessoas que viajam por domicílio (2,72). O valor obtido é o número de consumidores de turismo no País (42.810.000 pessoas), uma informação relevante para o dimensionamento do turismo doméstico no Brasil.

Uma nova operação é realizada para obter o total de viagens domésticas realizadas no país, multiplicando o número de consumidores de turismo (42.810.000) pelo número médio de

viagens realizadas por domicílio (3,24), chegando a 138.706.000 de viagens em 2005, outra informação de interesse da pesquisa no que se refere ao dimensionamento do turismo doméstico.

Em relação às inferências apresentadas, é necessário um comentário final de cautela no uso especificamente dos resultados do número total de viagens, por dependerem no seu cálculo do parâmetro de base anual “Número Médio de Viagens por Domicílio”. É sabido que a estimação desse parâmetro através do tipo desta pesquisa – com questionários aplicados num único momento do tempo, requerendo respostas sobre o número de todas as viagens realizadas no período anterior de 12 meses – é problemática por contar unicamente com o esforço de memória do entrevistado<sup>1</sup>. Evidentemente que a possibilidade de ocorrência de omissões de memória é enorme, problema esse agravado pelo fato de ser difícil fazer qualquer avaliação da magnitude dos possíveis erros envolvidos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A pesquisa adequada para obter informações que permitem estimar com segurança estatística o número de viagens realizadas ao longo de um período relativamente longo como um ano, é baseada em amostra de domicílios que são mantidos fixos e acompanhados ao longo do período alvo da pesquisa, com recolhimento periódico das anotações que os informantes necessitam fazer sobre as viagens, à medida que as mesmas forem ocorrendo.

<sup>2</sup> Ainda que seja possível presumir que existe a tendência dos indivíduos em subestimar o número de viagens, por lembrar mais daquelas mais longas de lazer com a família, e esquecer aquelas mais curtas e frequentes de negócios, principalmente aquelas feitas por conta e custo das empresas empregadoras dos entrevistados.

Gráfico 14

2001



2005



<sup>(1)</sup> com rendimento domiciliar de mais de 1 Salário Mínimo

<sup>(2)</sup> total de domicílios urbanos com qualquer rendimento pela PNAD 2001: 39.613.032

<sup>(3)</sup> total de domicílios urbanos com qualquer rendimento pela PNAD 2005: 44.860.739

Gráfico 15

**2005**

42.196.000<sup>(2)</sup>  
Domicílios urbanos<sup>(1)</sup>  
PNAD 2005

X

**37,3%**  
Propensão a viajar  
dos domicílios

=

**15.739.000**  
Domicílios consumidores  
de turismo  
(pelo menos um membro da família)

X

**2,72**  
Nº. de pessoas que viajam  
por domicílio

=

**42.810.000**  
Consumidores de turismo  
(que viajaram pelo menos uma vez)

X

**3,24**  
Nº. de viagens realizadas  
por domicílio

=

**138.706.000**  
Viagens domésticas